

CURRÍCULO: ESCOLA, SOCIEDADE E MULTICULTURALISMO

BEZERRA, Silvaleno Michel¹
SILVA, Pedro Kiarelly da²
CALDAS, Iandra Fernandes Pereira³

RESUMO: O presente artigo intitulado currículo: escola, sociedade e multiculturalismo, trazem conceitos e questões vivenciadas no contexto educacional, tendo como objetivo fazer uma análise em relação à importância do currículo no desenvolvimento do aluno, bem como aprofundar nas metodologias que o mesmo traz para a construção da identidade do indivíduo perante a sociedade em que vive. Pretende-se também fazer uma reflexão sobre os novos desafios presentes na escola, pois em face dessas mudanças, o mesmo precisa sempre de uma nova linguagem metodológica sobre a vivência do homem atual, compreendendo também a dinâmica do social, política, cultural, econômica da sociedade contemporânea. Para o desenvolvimento desse estudo foi utilizado uma entrevista com a gestora da Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel, localizada na Cidade de Antônio Martins/RN. A pesquisa tem caráter exploratório, visando a importância do currículo na ação pedagógica da escola. Para desenvolver a pesquisa nos embasamos nos teóricos como: ARROYO (2013), SILVA (1995), MOREIRA (2001), PERRENOUD (1993), LEITE (2002), entre outros. Assim sendo, é compreensivo que um currículo não surge de uma ora para outra, mais de uma necessidade social, onde se mostra compreensível a maneira em que a escola passa a adequá-los para a formação dos indivíduos, baseando-se nos paradigmas da sociedade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVES: Currículo, Escola, Sociedade, Multiculturalismo.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para se fazer uma análise sobre a importância do currículo para a educação nos dias atuais, é imprescindível analisar de maneira pensante a influência deste para o trabalho pedagógico dos docentes e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos.

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel, localizada na Avenida Senador Joaquim Inácio, 104 – Centro de Antônio Martins/RN, criada através o decreto nº. 9.203-85 de 05 de março de 1985, cuja entidade mantedora é o Governo do Estado do Rio Grande do Norte – Secretaria de Estado da Educação – 14ª Dired de Umarizal/RN. Formada por um corpo docente de um total de 42 funcionários dentre administrativo, técnico e professores.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN Núcleo Avançado de Ensino Superior de Alexandria – NAESA. E-mail - smicheel@hotmail.com

² Graduando do Curso de Pedagogia, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN Núcleo Avançado de Ensino Superior de Alexandria – NAESA. E-mail - kiarellyp@hotmail.com

³ Mestra, Professora do Departamento de Educação do Campus Maria Eliza Albuquerque Maia - CAMEAM da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail iandrafernandes@hotmail.com

A ação mobilizadora deu-se por meio de uma entrevista com a gestora da Escola Ana Caroline Batista (Pseudônimo), formada em pedagogia e pós-graduada em psicopedagogia, que enalteceu a importância do currículo para um melhor desenvolvimento dos docentes, onde a pauta principal é a aprendizagem dos alunos, a metodologia e os recursos para que estes aconteçam.

O currículo escolar hoje tem sido assunto discutido por muitos teóricos, com o propósito de responder as questões postas pela sociedade e a comunidade escolar, a fim de refleti-lás, buscando significados na perspectiva de uma reorientação do mesmo nas práticas educativas.

A visão do currículo nas instituições escolares mostra-se cada vez mais abertas e atenta a vinculação de ideias e conseqüentemente uma visão voltada para o social, ou seja, todas as discursões na elaboração do currículo têm sido cada vez mais voltadas para a prática social e sua organização.

O currículo é inseparável da cultura, tanto nas teorias tradicionais quanto na teoria crítica, percebe-se que apresentam ações a serem vistas, revistas e conhecidas mediante a diversidade cultural do contexto onde está inserido.

Destacam-se as idéias de Moreira e Silva (1997, p. 28) quando defende o individuo que “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”.

O currículo escolar tem várias dimensões que a escola tem uma ação direta na construção e no desenvolvimento do aluno, fazendo com que o mesmo traga a para a sociedade, resquícios do que aprendeu na escola.

Podemos afirmar que o currículo refere-se a uma realidade histórica ou como sua variação de acordo com a evolução social do cotidiano. Para tanto, a elaboração do currículo é um processo social, construtivo e coletivo, onde traz para estes vários fatores essenciais, tais como: epistemológicos, intelectuais, interesses, conflitos simbólicos e culturais, estes, ligados aos fatores como classe, raça, etnia, e gênero.

2. ESCOLA, SOCIEDADE E CULTURAS: UMA APROXIMAÇÃO NECESSÁRIA

A necessidade do currículo no ambiente escolar traz várias facetas sobre a importância deste para um melhor “atendimento” e uma possível “padronização” sobre

o que vai ser apresentado e quais maneiras ou metodologias que atendam as mais variáveis maneiras e expressão cultural, bem como a variação de linguagem e classes sociais.

A escola é um espaço onde ocorre a construção do conhecimento, necessário para a vida em sociedade, assim, inova para atender as mais variadas manifestações culturais e sociais presentes no âmbito escolar.

Assim, construir uma educação de qualidade é prioritariamente repensar seus conteúdos e programas, merecem reflexão, os conteúdos a serem ensinados e aprendidos, onde muitas vezes são consideradas expressões máximas da função social da escola. Quando os saberes e as habilidades requeridos pela economia e pelo emprego mudam, a instituição escolar tem de mudar (ARROYO, 2013).

Pode-se comentar que, se a escola não transmite ou instiga a competência dos seus alunos desde infância e transmitem conteúdos obsoletos, a mesma perde a sua função social e conseqüentemente a sua credibilidade como formadora de cidadãos aptos a viver na sociedade contemporânea.

A instituição de ensino no cotidiano é vista como protagonistas na formação do indivíduo na sociedade em que vive essas relações movimentam-se no desenvolvimento da cultura de cada um, promovendo um conhecimento amplo, construindo a formação da identidade.

A unidade educacional tem como um de seus objetivos promover o desenvolvimento dos sujeitos e a “interação” social destes. Podemos afirmar que é na mesma, onde ocorre um processo de humanização – apesar de tal processo não ocorrer somente neste espaço. E neste processo de humanização, as interações entre professores e alunos se tornam necessárias, pois é o professor o responsável direto pela mediação de tal processo no espaço escolar. (LIMA, 2007).

O currículo escolar sendo uma prática complexa destaca-se por se desenvolver diversos graus de aprofundamento na formação social do aluno. É natural que seja assim, pois o trabalho pedagógico, a escola e o professor tornam-se evidentes nas suas concepções de mundo podendo assumir uma postura tradicional ou libertadora no processo de construção e desenvolvimento do currículo.

Atualmente, vemos que o multiculturalismo está cada vez mais presente nos currículos escolares, pois vivemos em uma sociedade que é caracterizada por inúmeros fenômenos sociais e as mais diversas maneiras e concepções no modo de vida da sociedade contemporânea. Deste modo, a unidade educacional, e principalmente os

educadores se veem diante de inúmeros desafios, entre os quais estão a lógica disciplinar e a metodologia a ser utilizada para melhor facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos, bem como desenvolver de maneira igualitária o uso das variações culturais contidas na escola ou na sala de aula.

A escola por configurar-se como um espaço de possibilidade de convívio entre várias classes sociais, torna-se assim um espaço legítimo para construir pontes de ligação entre raças, credos, etnias, onde convivem socialmente e democraticamente uns com os outros, em um espaço que favorece o processo de aprender o respeito e a aceitação a cultura do outro.

Sendo assim, cabe a mesma promover meios para que isso aconteça, facilitando o processo de conhecimento entre várias diferenças de culturas, o diálogo e consequentemente representados na diversidade cultural contemporânea.

Assim sendo, podemos tomar como ponto de partida o multiculturalismo defendido por Moreira (2001, p. 67) que compreende a diferença como uma construção social,

[...] pode e deve ser desafiada, em movimento que vise promover a aceitação do imperativo transcultural proposto por Boaventura de Sousa Santos (1997): as pessoas têm direito a serem iguais sempre que as diferenças as tornem inferiores; contudo, têm também o direito a ser diferentes sempre que a igualdade colocar em risco suas identidades.

Dessa forma se a escola como ponto principal do processo de “aceitação” e incentivo da diversidade cultural, promovendo uma cooperação entre as diferenças para que cada um possa se expressar da maneira que verdadeiramente é, sem imposição de nenhuma fonte de interpelação.

Próxima a essa concepção, Macedo (2006, p. 289) indica a materialização dessa perspectiva em termos curriculares:

Penso nos currículos escolares como espaço-tempo de fronteira e, portanto, como híbridos culturais, ou seja, como práticas ambivalentes que incluem o mesmo e o outro num jogo em que nem a vitória nem a derrota jamais serão completas. Entendo-os como um espaço-tempo em que estão mesclados os discursos da ciência, da nação, do mercado, os “saberes comuns”, as religiosidades e tantos outros, todos também híbridos em suas próprias constituições.

Assim constata-se que para haver uma educação multicultural, deve também exaltar-se o respeito à diversidade na escola e promover a aceitação que os agentes possam se integrar nela.

Para Fuck (1994) a educação deve ser um processo:

Através do qual o indivíduo toma a história em suas próprias mãos, a fim de mudar o rumo da mesma. Como? Acreditando no educando, na sua capacidade de aprender, descobrir, criar soluções, desafiar, enfrentar, propor, escolher e assumir as consequências de sua escolha. Mas isso não será possível se continuar bitolando os alfabetizados com desenhos pré-formulados para colorir, com textos criados por outros para copiarem, com caminhos pontilhados para seguir, com histórias que alienam, com métodos que não levam em conta a lógica de quem aprende. (pp. 14– 15)

Dessa forma, podemos compreender que a educação é construída por toda uma vida, permitindo os saberes, aptidões e capacidade para a vida social. Devendo a educação ser um meio para si, para os outros, para a sociedade e para o mundo. A educação não pode ser vista apenas como um método de ensino para aprender algo novo, mas também como um método de valorização e formação para o respeito dos direitos humanos, como um alicerce para a liberdade e as formas de desenvolvimento para todos.

Assim Leite (2002) traz como ponto importante e fundamental:

Se a educação escolar não se transformar, quebrando o tradicionalismo que a caracteriza e englobando na sua cultura, subculturas de populações ou grupos que até há pouco tempo ignorava, ou que lhe eram estranhas, bem como questões das realidades locais e mundiais, está sujeita, pelo menos a duas situações: (1) perder uma das razões da sua existência e que é a de contribuir para uma educação para todos; (2) ser um veículo de marginalização de certos grupos sociais e obrigá-los a um processo de assimilação, sujeitando-os a uma perda das suas identidades culturais. (p. 97).

Partindo dessa concepção, é importante que tenhamos consciência de que a escola que almejamos desde alunos e comunidade escolar, é aquela que se apresenta de forma íntegra privilegiando aprendizagens, que dê sentido à vida de todos os estudantes, nesse sentimento é de suma importância que a escola se modernize de forma a acompanhar as mudanças da sociedade, os processos tecnológicos, onde todos desempenhem as suas funções e sejam grandes construtores e detentores do conhecimento e da diversidade cultural e do ser social.

As considerações anteriores, permitem-nos sugerir com base na entrevista realizada com a gestora, um embasamento sobre o currículo na escola pesquisada, bem como o multiculturalismo nas práticas pedagógicas no cotidiano. Entretanto, impunha-se outra ordem de indagações, referentes a gêneses e a contextualização das práticas pedagógicas visualizada na entrevista. Esses aspectos serão discutidos a seguir.

3. O CURRÍCULO NA ESCOLA: DISMISTIFICANDO CONCEITOS

Na entrevista formal realizada na Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel no dia 17 de julho de 2014 com a gestora Ana Caroline Batista (Pseudônimo), 47 anos, tem graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, é pós-graduada em Psicopedagogia.

Sabendo da importância do currículo para a ação na escola, a gestora foi indagada sobre a importância do currículo para a instituição ao qual era responsável, segundo a mesma: *“É um eixo norteador de trabalho de qualquer instituição seja ela pública ou privada. Sem o currículo ficaria difícil de seguir um norteamento em qualquer que seja a disciplina ou instituição”*.

Dessa forma percebe-se o discurso sobre a visão da mesma com relação a importância do currículo na instituição escolar, onde a partir dele os professores se fundamentam para traçar metas e construírem o seu projeto político pedagógico. Por um lado, como afirma Sacristán (2000), o currículo não pode ser compreendido longe de suas condições reais de construção. Ou seja, é necessário entendê-lo em várias dimensões organizativas: política, econômica, social e cultural, estruturais, materiais, teóricas e práticas para nos ajudar *“a ver o conhecimento corporificado no currículo não como algo fixo, mas como um artefato social e histórico, sujeito a mudanças e flutuações.”* (Silva, 1996, p. 77).

Partindo desse pressuposto foi perguntado em que concepções teóricas o currículo estava fundamentado, conforme expresso pela professora: *“Está fundamentada na PPP, no trabalho pedagógico, trabalho do coordenador, nos professores ou seja em todos os funcionários de toda escola ou seja em toda instituição de educativa”*.

Isso indica que a interpelação acerca dos teóricos que a escola pode “seguir como modelo”, não foi mencionado, ocasionando uma dúvida porém deixa explícito que a escola trata o currículo de uma forma sistemática voltada para “definir conteúdos e métodos” que podem ser utilizados pelo docente.

É importante lembrar que o currículo compreende uma cultura escolar, permeado por ideologias, valores e relações de poder. Assim, não se justifica apenas discutir conteúdos em sua elaboração, mais todas as experiências de aprendizagem para que possam atenuar o processo de ensino-aprendizagem.

Mediante essas considerações acerca do currículo como o mesmo é organizado na escola, a entrevistada respondeu: “*É por disciplinas e projetos*”.

De acordo com Perrenoud (1993, p.25) os saberes são transformados em conhecimentos que serão ensinados pelos professores, o que corresponde ao currículo formal “programas, metodologias e meios de ensino, muitas vezes apresentado através de exemplo e exercícios”.

Em toda via é importante ressaltar que o professor deve acrescentar ou modificar a sua prática pedagógica mediante as diferenças sociais e culturais, vistos ou previstos nas salas de aula, para isso é importante que o currículo esteja interligado para que o professor possa fazer alterações que sejam necessários com relação a sua prática. Desta forma o currículo se materializa de forma que:

[...] envolve, predominantemente, atitudes e valores transmitidos, subliminarmente, pelas relações sociais e pelas rotinas do cotidiano escolar. [...] assim, rituais e práticas, relações hierárquicas, regras e procedimentos, modos de organizar o espaço e o tempo na escola, modos de distribuir os alunos por agrupamentos e turmas, mensagens implícitas nas falas dos(as) professores(as) e nos livros didáticos. (BRASIL, 2007, p. 18)

Questionada sobre a organização do currículo na escola e como ele está inserido no projeto político pedagógico e como a escola insere a sua organização dentro do multiculturalismo, a gestora é clara em relação a responsabilidade que é de “*Toda equipe pedagógica da escola, como um todo, e está inserido de forma simples e objetiva, atendendo todas as demandas da escola, principalmente procurando desenvolver o aprendizado do aluno de forma clara e objetiva.*”

Desta forma, percebe-se em seu discurso sobre as questões ora mencionada, que o currículo não pode limitar-se às concepções, prática e organização, mas sim em como organizar as situações de aprendizagem na escola, levando em consideração as divergências culturais. Essa organização curricular não é neutra e deve envolver um olhar crítico por toda comunidade escolar para uma reflexão coletiva de toda instituição para repensar o currículo e a prática pedagógica.

A proposta curricular deve ser construída pela comunidade escolar, de forma que as discussões possam se desvincular de modelos tradicionais podendo assim contribuir para o desenvolvimento reflexivo.

De acordo com Silva (2003, p. 90), “O multiculturalismo mostra que a gradiente da desigualdade em matéria de educação e currículo é função de outras dinâmicas, como as de gênero, raça, etnia e sexualidade, por exemplo, que não podem ser reduzidas à dinâmica de classe”.

Neste contexto vemos que é de suma importância a escola ter um currículo amplo voltado para várias dimensões sociais em que a escola está inserida, possibilitando assim que a mesma seja uma formadora de cidadãos reflexivos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou articular a importância do currículo para a escola, bem como a inserção da sociedade e do multiculturalismo no ambiente escolar, a fim de discutir a aprendizagem dos alunos no processo de formação e articulação da escola.

Entretanto, encontramos alguns pontos a serem questionados e reavaliados com relação às teorias em que está fundamentada o currículo e, até que ponto o docente “cumpre” o que está proposto para a sua atuação.

A pesquisa, no entanto, não terminou. Encontramos muitos pontos importantes que nos levaram a encontrar alguns conceitos, porém, ainda a muito a pesquisar sobre currículo, escola, sociedade e multiculturalismo. Sabemos da importância de cada um desses itens, principalmente para a escola, como formadora, para que tenhamos seres humanos aptos para viverem sociedade, com constantes e divergentes formas de pensamentos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel G. **Currículo: políticas e práticas**. 13ª. ed. Campinas, SP. Papyrus, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

FUCK, Irene Terezinha. Alfabetização de Adultos. **Relato de uma experiência construtivista**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GIMENO SACRISTÁN J. O currículo: os conteúdos do ensino ou uma análise prática. In: _____; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Comprender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

LEITE, C. (2002). **O Currículo e o Multiculturalismo no Sistema Educativo**
LIMA, Elvira Souza. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

MOREIRA, Antonio Flávio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MOREIRA; A.F.B. A recente produção científica sobre o currículo e o multiculturalismo no Brasil, (1995-2000): **Avanços, desafios, tensões: revista brasileira de educação**, Campinas: autores associados/ANPED, 2001 n°18, p.65-81.

PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas Profissão Docente e Formação –**
Perspectivas Sociológicas. Lisboa, Publicações Dom Quixote. Instituto de Inovação Educacional, 1993.

Português. S.l.: Fundação Calouste Gulbenkian – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 2.ed. Belo Horizonte, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política**. Petrópolis: Vozes, 1996.